

Nossa herança egípcia: do sagrado à cerveja.

Eu tinha chegado da África e estava na fazenda. Conversava com meu pai no alpendre onde ele se embalava em uma cadeira de balanço. Já estava idoso, passado dos oitenta, mas exibia uma mente lúcida de raciocínio ágil e cristalino. Do local a gente contemplava a paisagem rural, verdinha, com os animais pastando. Eu gostava daquela prosa mansa. Ele falava baixo, expondo sua maneira de pensar, de pai pra filho. Filosofava e a gente matava saudades um do outro.

- Até hoje não acredito que eu tenha alma! Mas eu vou com sua mãe à missa e ela fica contente...

Religioso ele nunca foi, mas não falava mal da religião, não discutia o assunto. Assistia com respeito a família rezar, sentado, mas não se punha de pé quando minha mãe ou alguma das irmãs puxava uma oração.

Aquela afirmação anunciada daquele jeito, naquela circunstância, falando só pra mim... foi guardada na lembrança e passei a ruminar, como se fala na roça.

- Temos, verdadeiramente, alma imortal?

É o que afirma a nossa religião. E não vejo questionamento sobre este aspecto da fé...

Mas passaram os anos... vinte e cinco, talvez. E o amigo Sérgio Schultz me surpreendeu com um presente singular: O Livro dos Mortos¹ do antigo Egito. Naquele dezembro não dei muita importância ao brinquedo recebido. Mais dois meses, resolvi examinar o livro e me assustei arrebatado pelo conteúdo do texto: lá estavam os Dez Mandamentos de Moisés e muito mais. A gente considera a Bíblia como o livro dos livros, pela antiguidade e pela importância do conteúdo. Mas, e agora? A lição egípcia é tão mais antiga... Os Dez Mandamentos foram copiados?

-Espera aí! Moisés copiou os Dez Mandamentos da religião egípcia?...

Confesso meu susto com a descoberta desta possibilidade. Fechei o livro e aguardei um momento melhor para recomençar do zero a leitura que se anunciou tão interessante. Lá estava a crença na vida após a morte, no bem vencendo o mal, na ressurreição da carne, no juízo final... no demônio, nos deuses...tudo explicado em setenta capítulos, com as orações e a descrição dos ritos recomendados pela religião dos faraós.

A tradição judaico-cristã-islâmica considera Moisés como o primeiro e o grande profeta criador do judaísmo e do Estado de Israel. Os islâmicos se referem aos Dez Mandamentos como a primeira *Sharia*².

A Bíblia diz que os hebreus eram escravos no Egito, no tempo de Moisés. Como a população hebraica se multiplicava rapidamente, com receio de dominação o Faraó decretou o sacrifício de todas as crianças judias recém-nascidas do sexo masculino. A

¹ O Livro dos Mortos do Antigo Egito, Hemus – livraria e editora, São Paulo, 1972, tradução Edith de Carvalho Negraes com apresentação de Luis Carlos Teixeira de Freitas. Considerado o livro mais antigo da humanidade.

² A grande Lei islâmica deixada pelo profeta Maomé, o misericordioso.

mãe de Moisés passou a esconder o filho, mas, aos três meses, não mais tendo condição de ocultar a criança, colocou-a dentro de um cesto de vime e soltou-a nas águas do grande rio. O cestinho flutuou mansamente rio abaixo margeando o junco até que uma princesa egípcia, ao se banhar, recolheu o menino. Contratou uma escrava para amamentar o pequeno e criou-o no palácio como filho. É natural que Moisés tenha sido educado na religião egípcia seguindo o Livro dos Mortos, pois fora criado como príncipe, desconhecendo sua verdadeira origem.

- Quem seria nesta época o Faraó?

Vamos à contagem do tempo para que possamos situar os fatos.

A história registra que o criador do judaísmo faleceu em 1273 a.C, quando conduzia os hebreus pelo deserto em direção a Canaã. Nesta época, o Faraó era Ramsés II, que tinha 26 anos, tendo nascido em 1299 e reinado de 1279 a 1213 a.C. Os registros na Britânica³ informam que o êxodo do território egípcio se deu no ano 1300 a.C e que o faraó era **Horemheb**, ou **Haremhab**, que reinara de 1319 a 1292 a.C.; pai de Ramsés I que ocupou o trono de 1292 a 1290 a.C.; avô de Set I que ficara no poder de 1290 a 1279 a.C. e bisavô de Ramsés II, o mais longevo de todos os faraós tendo reinado de 1279 a 1213 a.C.

Os primeiros cinco livros da Bíblia⁴ foram escritos por Moisés, bem como a Lei Mosaica, sintetizada nos Dez Mandamentos. Por outro lado, os primeiros fragmentos do Livro dos Mortos foram encontrados por volta de 2700 a.C. Trata-se de uma inscrição em hieróglifo gravada em uma barra de ferro encontrada pelo príncipe real Herutataf durante uma viagem de inspeção aos templos.⁵

As paredes da câmara mortuária do faraó Set I, contemporâneo de Moisés, trazem numerosos textos extraídos do referido Livro: “não matar”, “não roubar”, “não mentir”, “não cometer fraudes”, “não pecar por excesso de palavras”, “não difamar”, “não ser agressivo”, “não escutar atrás das portas”, “não adulterar os pesos nem os braços das balanças”, “não aumentar os domínios por meios ilícitos”; “detestar a brutalidade”, “ser amante da verdade e da justiça”, “não trabalhar com violência”, “não causar sofrimento aos homens”, “não provocar enfermidades”, “não diminuir a porção das oferendas”, “não tirar o leite da boca das crianças”, “não pescar peixes usando peixes mortos”, “não obstruir as águas quando devem correr”, “não apagar as chamas de um fogo que deve arder”, “não sujar as águas”, “não ser precipitado ou insolente”, “não amaldiçoar os deuses”, “não se enriquecer de forma ilícita”, “não blasfemar”, “não frequentar os maus”, “não privar o indigente de sua subsistência”, “não se apoderar das oferendas”, “não causar sofrimento aos homens”...a crença na imortalidade da alma, que é a essência divina de cada ser humano; a vida eterna, a ressurreição da carne, o juízo final presidido pelo deus Ra, auxiliado por 42 deuses-juizes; o demônio com seu aspecto horroroso: cara de crocodilo e de serpente. Enfim,

³ Enciclopédia Britânica.

⁴ Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio.

⁵ O Livro dos Mortos, op. cit, p. 48 e 49.

⁶ O Livro dos Mortos, op. cit. p 137, 138, 139

um conjunto de ensinamentos, regras e crenças que formam o arcabouço cultural de grande parte da moderna civilização indo muito além dos Dez Mandamentos.

Entretanto, o objetivo do faraó não era conquistar o paraíso, mas, ser aceito como um deus entre os muitos existentes.

- Não há como esquecer os ensinamentos de Carl Jung com seus arquétipos!⁷

Chamo a atenção do leitor para a mumificação que tinha a finalidade de facilitar a ressurreição da carne. O Livro dos Mortos traz as orações que facilitam a ressurreição de cada parte do corpo humano: do coração, da visão, das pernas, dos braços...para tal uma cópia do livro acompanha o falecido dentro do sarcófago. Bem como porções de alimentos: carne, pão, aves, cereais, legumes, vinho e cerveja⁸. Sem querer fazer troça ou brincar com o sagrado...será que esta cerveja possuía algum agente conservante à semelhança das modernas nos supermercados? Acredito que os conservantes sejam mais antigos do que se possa imaginar, como o sal, a pimenta do reino⁹ e a desidratação dos alimentos.

Veja, caro leitor, os Dez Mandamentos são uma síntese. A ética prescrita pela antiga religião egípcia vai muito mais longe: “não frequentar os maus”, “não privar o indigente de sua subsistência”, “não pecar pela impaciência”, “não aterrorizar pessoa alguma”, “não se entregar à cólera”, “não ser querelador”, “não ser agressivo”, “não escutar atrás das portas”, “não trabalhar com violência”, “não causar sofrimento aos homens “ ...Na realidade, o Profeta, na solidão do comando, sem ter ferramentas para conduzir os hebreus pelo deserto à procura da Terra Prometida, subiu ao monte Sinai para conversar com Deus, à procura de si mesmo, perdido naquela função de líder e desceu com as Tábuas da Lei, que é um resumo do Livro dos Mortos em dez frases primorosas que foram impostas a um povo desesperado, subnutrido, a caminho do desconhecido, vagando pelo deserto por tantos¹⁰ anos até alcançar o rio Jordão e a cidade de Jericó.

Mas há uma diferença: a crença egípcia é politeísta, sendo Ra o deus supremo, enquanto a dos hebreus é monoteísta. Contudo, o monoteísmo não foi invenção do Profeta. Antes de Moisés, o Faraó Akenaton, que reinou de 1353 a 1336, esposo da deslumbrante Nefertite, era monoteísta e tentou mudar a crença tradicional egípcia enquanto viveu. Foi sucedido por Tutankamon, do qual **Horemheb** foi o comandante militar até se tornar faraó com o qual Moisés negociou a saída dos hebreus.

Desta forma não podemos afirmar que o monoteísmo tenha sido uma invenção do Profeta. Seria crença hebraica antiga? A Bíblia diz que a crença em um único deus remonta ao patriarca Abraão que viveu por volta de 1900 a.C.

⁷ Carl Gustav Jung, psiquiatra, psicoterapeuta suíço (1875- 1961).

⁸ O Livro dos Mortos, op. cit., p. 145.

⁹ A pimenta do reino e o sal sempre foram conservantes usados nas carnes e peixes. Vasco da Gama foi à Índia e voltou carregado de pimenta do reino.

¹⁰ A Bíblia diz que o povo hebreu vagou pelo deserto por 40 anos.

Após o êxodo, antes de atingir o objetivo de chegar à Terra Prometida, morre o Profeta, tendo sido substituído por Josué. E ao chegar a Canaã encontrou a região ocupada. Jericó foi conquistada à força das armas. Só Deus sabe como conseguiram criar o Estado de Israel, forjado na extrema dificuldade de subsistência. Passados três séculos, aparece outro grande líder, Davi, que levou Israel a enormes conquistas incorporando Jerusalém e territórios imensos na Síria, dos arameus¹¹, e na Jordânia dos Amonitas¹². Israel se expandiu. Davi (1040-970 a.C.) foi um grande guerreiro, um bom administrador e um poeta até hoje cultuado.¹³

O que mais me impressiona na crença egípcia é a ressurreição da carne e o juízo final que traz o medo do castigo eterno usado para conseguir comportamento civilizado da raça humana. É mais fácil convencer o homem usando o argumento do medo, daí ter sido usado como a base da religião desde o início dos tempos. Até hoje, a ameaça da lei terrível resulta mais eficiente do que qualquer outro argumento racional. Vale dizer: o medo é mais eficiente do que o respeito.

Impressiona-me a crença e a figura do demônio: cara de crocodilo ou de serpente. A figura do réptil do Nilo e da serpente do deserto sempre horrorizou os egípcios. Entre nós, o capeta tem mil caras, inclusive de bode preto chifrudo, soltando fogo pelas ventas. Ente mitológico, este ser assusta pela força do irracional invisível: a magia destruidora que traz consigo.

- E a tal barra de ferro encontrada em 2700 a.C. contendo fragmentos do mais antigo dos livros?

A meu juízo tem grande valia para contar a história do desenvolvimento tecnológico: hoje, todas as nossas edificações, desde os imensos edifícios, às pontes e aos navios de grande porte são construídos com a utilização do aço, que viabiliza a ossatura de quase tudo construído no mundo. Entretanto, no meu tempo de escola aprendi que o ferro foi desenvolvido pelos hititas, povo que habitou a região de Ankara, capital da Turquia. A primeira coisa que fizeram foi a espada e a lança para subjugar os vizinhos. Tiveram a ousadia de ameaçar o faraó Set I que evitou o conflito, assinando um tratado de paz que durou 15 anos. Mas, tendo seu filho assumido o poder, voluntarioso e cheio de coragem, Ramsés II aos vinte e poucos anos remarcou as fronteiras com os hititas recebendo resposta inusitada. Enfrentando armas de aço o Faraó quase perde a vida na famosa batalha de Kadesh, às margens do rio Orontes, hoje em território Sírio. Aprendi em meu tempo escolar que o aço foi desenvolvido pelos hititas. Em Ankara há um belo museu do ferro mostrando artefatos de todos os tipos construídos com este metal que modernamente viabilizou a nossa civilização.¹⁴

¹¹ Daí a língua falada por Jesus, o aramaico.

¹² Daí o nome da capital da Jordânia, Aman, terra dos amonitas.

¹³ A Bíblia traz 150 Salmos dos quais Davi é autor de 74, que são recitados até hoje, passados quase três milênios.

¹⁴ Esta referência histórica é muito importante para mim que trabalho com estruturas de aço desde a minha graduação na Escola de Minas. Ankara foi a capital do império hitita.

- Mas, como explicar a existência da barra de ferro de 2700 a.C.? Quem a forjou se os hititas vieram muito depois?

A cultura egípcia trás outras ferramentas que permaneceram: a escrita de cinco mil anos com papel (papiro), caneta e tinteiro. Aliás ao ser sepultado todo faraó levava esses apetrechos. Outro item cultural definitivo que herdamos deste povo é a estrutura do ano solar, definido como o tempo gasto pela terra para dar um giro completo em torno do sol. Por influência de Cleópatra VII, filha de Ptolomeu XII, Júlio Cesar criou em 46 a.C. o calendário juliano, com doze meses, 365 dias e um ano bissexto a cada quatro para corrigir o calendário¹⁵. Batizou um mês com seu nome e seu sucessor homenageou a si mesmo batizando o mês de agosto com o nome Augustus. E o ano juliano passou a doze meses, com o mês de dezembro sendo o décimo segundo, ao invés de décimo como sugere o nome¹⁶.

- Que mais os egípcios nos deixaram como tradição e cultura?

-Ah! O mais importante! Além da crença religiosa com seus princípios éticos, além da escrita com papel (papiro) caneta e tinta; além da marcação do tempo com o ano solar; a proporção aurea (2700 a.C.), o princípio da hidrostática e o número π (PI) de Arquimedes (287-212 a.C.), a trigonometria de Hiparco (190-120 a.C.), a álgebra de Diofanto; o relógio mecânico de Tecídio, a geometria de Euclides (340-280 a.C.), a astronomia de Eratóstenes (276–194.a.C.)¹⁷, eles nos deixaram a agrimensura...e a cerveja! Esta, sim! Comparece à mesa de quase todos os humanos! A mais apreciada das heranças egípcias...mensageira da descontração e aniquiladora do *stress* cotidiano! Bem mais interessante do que a trigonometria! Obrigado egípcios!

Fidencio Maciel

Em 07.03.2020

¹⁵ A Proporção Aurea, da p.7 a 20, deste autor, www.africamae.com.br. Há uma explicação mais detalhada da herança cultural egípcia, referindo-se à Biblioteca de Alexandria.

¹⁶ O calendário juliano foi abolido em 1582, quando o Papa Gregório XIII o corrigiu criando o gregoriano ainda em vigor.

¹⁷ A Proporção Aurea, op. cit., p. 14e 15. Eratóstenes, astrônomo, escritor, poeta, mediu a circunferência da terra cometendo um erro de 4% com relação à medida atual.